

1º BLOCO	
Vídeo	Áudio
Abertura do programa	
Lucas e Ana estão no viaduto da Paulista, com o enquadramento fechado entre os apresentadores que se apresentam.	<p>Lucas: Olá, meu nome é Lucas</p> <p>Ana: E eu sou a Ana</p> <p>Lucas: e este é mais um “Tô Na Rua!”, o programa dedicado à arte de rua e suas várias formas de expressão.</p> <p>Ana: Vamos passar por várias ruas de São Paulo mostrando quem são esses personagens que fazem da rua um verdadeiro palco para suas performances, apresentações e como é feita essa imensa variedade artística.</p> <p>Lucas: Devido a sua diversidade cultural e uma população cada vez maior, São Paulo é muitas vezes vista como um espaço de oportunidade para os artistas mais ecléticos. As ruas abrem espaço para visibilidade e diversidade destes artistas que buscam divulgar seus trabalhos.</p> <p>Mas por que razão alguém resolve fazer arte de rua? Quais as motivações e como isso começa?</p> <p>Ana: Vamos mergulhar no trabalho de cada uma dessas pessoas e acompanhar de perto como esse processo é feito.</p> <p>Então vem com a gente, que o programa só tá começando.</p>
VT mostrando a movimentação da Av. Paulista, voz do Lucas em off.	Lucas: No episódio de hoje, vamos caminhar pela Av. Paulista atrás dessa galera que completa a identidade da cidade.
Primeiro entrevistado, o desenhista Ezequiel Canto comenta sobre a sua experiência como artista de rua.	Ezequiel: Comecei em janeiro do ano passado, ficava aos cantos, no início, eram só banquinhos, fui desenhando, acumulando uma “graninha”. Profissionalmente desenho A3. Além do fato de que muita gente trabalha na rua, é um lugar muito bom para divulgar o meu

	trabalho, eu consigo algumas encomendas e possivelmente alguns alunos também.
Imagem indicando os comentários do Ezequiel sobre seu público.	Ezequiel: Tem gente que passa só pra olhar, eu simplesmente vou divulgando.
Imagem indicando os comentários do Ezequiel sobre o retorno financeiro.	Ezequiel: Não muito, muita gente vem fazer caricatura buscando retrato, aí pensam que caricatura “ele vai tirar sarro da minha cara”, quando caricatura é apenas uma maneira divertida. Tem vários tipos de caricatura e apenas uma de retrato. Muita gente pensa que é “tudo” a mesma coisa.
Imagem indicando os comentários do Ezequiel sobre o espaço da arte.	Ezequiel: Eu acho que o pessoal deveria se interessar mais, o pessoal só que saber das mesmas coisas, ou bagunça ou farra.
Imagem indicando os comentários do Ezequiel sobre sobreviver apenas da arte de rua.	Ezequiel: Não, não é muito, por isso dou aulas, faço encomendas....
VT mostrando algumas apresentações dos artistas em suas performaces.	
Segundo entrevistado, a banda The Leprechaun. Porta vozes Erick (baixista), Joseph (violinista) e Rafael (banjo e gaita).	Erick: A gente começou de forma bem despretensiosa, tocando na rua, era pra ser apenas um ensaio aberto já que nossos instrumentos são mais acústicos, enfim. Mas assim que a gente começou muita gente parou em volta, super interessados, então achamos que podia ser um caminho. Começamos mais ou menos na época em que fecharam a Paulista para os carros.
Imagem indicando os comentários do Erick sobre o que a banda pensa sobre o público.	Erick: Muito boa, diferente de bares que você vê um público muito segmentado, aqui você vê de tudo, desde criancinha, até idoso, morador de rua, mas no geral a receptividade é muito boa sim.
Imagem indicando os comentários do Erick sobre o que a banda pensa sobre a valorização do artista de rua.	Erick: Cara, depende do sentido, financeiramente seria muito difícil você conseguir o reconhecimento que você acha que

	<p>merece, do ponto de vista da receptividade do público e feedback das pessoas, desde que viemos tocar na paulista melhorou muito.</p>
<p>Imagem indicando os comentários do Erick sobre o que a banda pensa sobre o espaço da arte e rua.</p>	<p>Erick: Eu acho que devia ter mais espaço, devia ser mais valorizado porque pelo que a gente sente da paulista, as pessoas têm interesse. Quando tem a oportunidade elas realmente param e assistem, não só a gente, mas vários artistas, só que hoje ainda é muito focado na paulista. Acho que deveria ter outros espaços, “se vê” que inclusive aqui fica cheio de gente, as vezes estamos tocando e tem uma outra banda tocando a 200m, um som competindo como outro por que é o único lugar que a gente tem pra fazer isso, então a gente sente que o espaço é inferior a demanda.</p>
<p>Imagem indicando os comentários do Erick sobre o que a banda pensa de viver da arte de rua.</p>	<p>Erick: Depende do que você quer dizer com a pergunta, a grana que a gente ganha não dá pra viver, mas se a sua pergunta tem a ver com vontade, se desse seria bem interessante.</p>
<p>VT do clipe da música “Time Goes By” da banda.</p>	
<p>Lucas e Ana estão sentados na calçada da paulista fazendo comentários sobre o conteúdo e, em seguida, chamam o próximo bloco.</p>	<p>Ana: Acompanhamos de perto como funciona alguns trabalhos destes artistas, mas o melhor de tudo é que ainda existe muito mais por aí! E não precisamos procurar muito para encontrar não.</p> <p>Lucas: Já imaginou você esquecer seu próprio nome?</p> <p>Ana: Ou encontrar o seu artista favorito bem na sua frente?</p>

	<p>Lucas: Ou melhor! Ver todos os seus amigos literalmente pelados andando pela rua?</p> <p>Se a sua resposta foi não, então você ainda não conhece o trabalho de hipnose nas ruas.</p> <p>Ficou curioso né? Então fica aqui com a gente que já já voltamos para mostrar como isso funciona, logo após os comerciais.</p>
--	--

2º Bloco	
Vídeo	Áudio
O bloco começa com Lucas e Ana na ponte do parque Trianon.	<p>Lucas: No bloco passado vimos algumas performances artísticas, seus elementos e quem são os responsáveis por fazer da cidade um verdadeiro centro cultural.</p> <p>Ana: Mas e as pessoas que passam por esses artistas todos os dias? Que em algum momento do seu dia, são expostas a esses personagens urbanos e suas apresentações. Será que já pensaram sobre o assunto? Quais as suas impressões?</p>
VT mostrando algumas apresentações dos artistas em suas performaces.	
Entrevistados são abordados na calçada da paulista, a primeira é Mariana Amâncio, seguida por Julia Duarte, Eric Fontes, Jessica Guedes, Cullermo Palácio, Adriana Orlando, Edir Ferreira, Eliana Caliarri e Ezequiel Batista.	<p>Mariana: Eu acho que eles lembram que a rua é um espaço de criação, é também um espaço Cult.</p> <p>Julia: Eu acho que eles dão uma cor pra cidade, por exemplo os grafiteiros.</p> <p>Eric: Eu acho que eles expõem a arte de graça e se as pessoas não derem valor ao que está sendo exposto de graça elas vão dar valor ao que é pago? Então é meio complicado.</p> <p>Jessica: Eu acho que transforma atmosfera sabe? Da coisa de cidade, correria, horário, de pressa...não só com a dança, mas com qualquer expressão artística assim. Eu li outro dia que é “devolver a sensação que dia é hoje”.</p>

Mariana: Estar nesse lugar e enxergar a cidade também como ambiente de criação, enxergar a cidade como espaço que recebe os artistas e inspiram.

Cullermo: A relevância deles é muito importante, eles apoiam a cena, da aquele toque de cultura na cidade.

Adriana: A arte é manifestação, qualquer manifestação que tiver.

Edir: Eu gosto de ver teatro de rua, uma coisa maravilhosa de se ver, gosto muito de instalação, gosto dessas esculturas retratando os poetas.

Julia: Mano, eu gosto de andar na cidade, eu gosto de ver. Ao mesmo tempo que eles colorem a cidade, eles são pessoas que colorem a nossa vida

Eliana: Estávamos passeando, eu e minhas netas e coincidentemente esses artistas são professores da escolinha delas, então a gente parou pra assistir e foi muito bom. A gente capta esse espetáculo e para as crianças é muito bom.

Eric: A nossa arte tem que ser mostrada, tem que ser explorada e muito valorizada.

Ezequiel: Pra mim é muito importante, por que mostra o que as pessoas não veem por aqui de cultura mesmo

Mariana: Eu gosto muito de intervenção urbana no sentido de que começa e não se sabe muito bem se é alguma coisa ou se não é e no final se revela alguma coisa.

Julia: Eu paro e daí as pessoas que estão comigo dizem “Julia, vamos embora”. Eu falo “gente, calma, vamos ver a mágica do moço.

	<p>Eric: A arte de rua é espontânea, extremamente importante pro país.</p> <p>Mariana: Tem uma luta bem forte de se impor no lugar, de ser reconhecido também como artista, por mais que não esteja no palco, que não tenha espaço que os receba, existe esse espaço que recebe todo mundo, que é a rua.</p> <p>Ezequiel: Tava uma banda aqui mesmo, direto quando eu venho em dia de domingo vejo o pessoal tocando musica, eu paro e fico apaixonado.</p>
<p>Ana está sentada na frente do Parque Trianon enquanto faz uma introdução para a entrevista com o hipnólogo.</p>	<p>Ana: Quando o assunto é hipnose, muita gente tem receio em questionar, e não é difícil de imaginar o porquê. Já imaginou deixar um estranho ter total controle sobre a sua mente?</p> <p>A ideia parece curiosa e nem um pouco convidativa, mas ao contrário do que pensam, essa experiência é uma das mais divertidas e relaxantes que existem.</p> <p>Para explicar como isso funciona vamos voltar para as ruas e perguntar para quem entende do assunto....</p>
<p>Entrevista com o Leandro Rocha (hipnólogo) em frente ao parque Trianon.</p>	<p>Leandro: O motivo da hipnose ser na rua são vários né? Por conta da acessibilidade, é prático, a rua é acessível, entre outros motivos, é um espaço pra trazer os alunos para treinamentos. Uns tem um pouco de medo por achar que está vinculado a uma coisa mística, mas a gente vai explicando e vai percebendo que na verdade é um processo natural. A hipnose em si não tem contra indicação, muito pelo contrário, ela é indicada para todas as idades, desde a criança, desde que já esteja falando, compreendendo bem até o senhor de idade avançada, porque o processo de transe hipnótico é totalmente natural, o que fazemos é aprofundar esse transe para um nível de relaxamento tão profundo, onde a consciência relaxa um pouco, o fator crítico diminui, e ai a pessoa se permite, a</p>

	<p>pessoa que cria aquele estado, onde ela pode construir todo um cenário que é mais favorável pra ela viver, uma experiência única.</p>
<p>Leandro hipnotiza Nathan como exemplo.</p>	<p>Leandro: Vou passar minha mão na frente dos seus olhos, você fechará eles novamente, relaxando ainda mais. Enquanto estávamos falando, aqui relaxando tão bem, nessa sensação gostosa, você percebeu uma coisa curiosa: você acabou pisando acidentalmente em uma poça de cola. Ela é tão poderosa que colocou completamente seus pés no chão, e quanto mais força você faz pra tirar os pés do chão, mais colado fica, você até sente os pés pesados. Eu vou contar até três, você abrirá os olhos se sentindo bem, se sentido relaxado...1,2,3, abra os olhos, olha aqui nos seus pés, olha que curioso. Onde está mais colado? Na parte da frente ou de trás? Quando eu tocar no seu ombro ele vai ficar totalmente colado, tenta soltar os seus pés. Não da né? Quanto mais você tenta, mais colado fica. O segredo pra tirar essa cola é aqui ó, ta vendo sua mão? Passei cola aqui ó, veio tudo pra cá, não tem cola nenhuma aqui (pés), veio tudo pra cá (mãos). Tenta dar tchauzinho com essa mão. Olha, vamos fazer assim: colou a outra também. Olha aqui pra ponta do meu dedo, mantenha o queixo parado, só com os olhos, só preste atenção e meu dedo vai chegando na sua testa, quando encostar você vai voltar pra aquele estado de relaxamento e cola vai soltar completamente. Isso, agora o negócio vai ficar legal. Aqui (mão direita) estou colocando um botão hipnótico, quando você abrir os olhos eu vou tocar na sua mão, como se fosse um aperto de mão, essa mão toda a vez que eu tocar, você vai sentir uma vontade de rir. Se nessa mão você tem vontade de rir se eu tocar na outra mão, você vai ficar muito chateado comigo; 1, 2, despertando, 3 abra os olhos, está se sentindo bem? Então toca aqui...</p>
<p>Ana e Lucas estão andando na rua Peixoto Gomide para o encerramento do programa.</p>	<p>Ana: No programa de hoje vimos que a arte pode estar presente em vários pontos da</p>

	<p>cidade. Nas calçadas, nas ruas, nas estações de metrô, enfim em todo espaço urbano que se torna um palco em potencial.</p> <p>Lucas: São Paulo está cheia dessa variedade cultural, é o ponto de encontro de diversas mensagens dos mais diferentes cantos do Brasil e do mundo. Por isso é tão importante valorizarmos cada um destes artistas.</p> <p>Por hoje é isso, esperamos que todos tenham gostado do programa e fiquem ligados, porque estamos apenas começando. Meu nome é Lucas.</p> <p>Ana: Eu sou a Ana.</p> <p>Lucas e Ana: E esse foi o Tô na Rua!</p> <p>Lucas: Até a próxima!</p>
Encerramento do programa.	